

As considerações acerca do ser finito e do ser eterno em Edith Stein

Thiago Batista da Silva

Resumo:

Trilhando um caminho baseado em *Ser finito e eterno*, principal obra filosófica de Edith Stein, buscar-se-á apresentar neste trabalho um breve esboço das noções steinianas que envolvem a pessoa humana, bebendo da chamada “filosofia cristã”, firmada sobretudo na metafísica de Santo Tomás de Aquino e na fenomenologia de Edmund Husserl. Buscaremos também entender a compreensão da autora quanto à relação do homem – o ser finito, que é ser-pessoa e corporal-anímico-espiritual, dotado de essência e existência numa unidade temporal – com Deus – o ser eterno, real e essencial -, cuja vida Trinitária é modelo e meta para a união de sua alma. Reconhecendo a habitação de Deus em si a partir da experiência mística, o homem é capaz de chegar à vida eterna, vivendo sua vocação própria e encontrando o sentido de sua vida, graças à mediação de Cristo, o modelo fundamental para todo ser humano quanto à participação na vida divina numa livre entrega pessoal à vontade de Deus.

Palavras-chave: Edith Stein; Ser finito; Ser eterno; Fenomenologia; Metafísica

INTRODUÇÃO

Muitas foram as vezes que, ao longo da história da filosofia, tentou-se explicar o que é o homem e entender sua relação com tudo aquilo que o transcende. Entre os filósofos, desde os pré-socráticos até o mais contemporâneo deles, busca-se e questiona-se a respeito do que está além daquilo que podemos captar pura e simplesmente com os sentidos. Com Edith Stein não seria diferente: seu interesse filosófico pela pessoa humana e pela busca da verdade são características intrínsecas a todos aqueles que se interrogam e não se contentam com o pouco que os olhos se lhes revelam.

No caso da filósofa alemã, o pensamento medieval e o contemporâneo são o alicerce de seu pensamento e entram em consonância para a busca das respostas para suas

indagações. É olhando o mundo sob a ótica da fé que Edith Stein pode compreender o ser humano enquanto participante da vida do Absoluto, do Deus Infinito que se dá ao homem. O objetivo central da pesquisa é caracterizar as concepções steinianas em torno do ser humano e de Deus, tomando como base as aproximações de Edith Stein com o pensamento escolástico, especificamente tomasiano, e o fenomenológico.

Dessa maneira, não podemos considerar a visão steiniana como nem puramente filosófica, nem puramente teológica, antropológica ou pedagógica. O ideal, nesse caso, é considerar a totalidade de um pensamento novo que propõe não rompimentos ou desconstruções, mas busca fazer pontes que permitam aberturas a pontos que talvez não houvessem sido considerados numa filosofia que vai ao encontro da verdade. Considerar a fé revelada como objeto de investigação faz com que a proposta de Edith Stein se construa por meio de outras hipóteses, cujo fio condutor gira em torno do estudo da pessoa humana a partir das vivências da consciência.

Essa investigação sobre a pessoa é o que dá margem para o todo de sua reflexão filosófica steiniana: o homem não é só corpo, mas também alma e espírito. É justamente através dessa unidade traduzida no ser corporal-anímico-espiritual que se abre um leque temático capaz de revelar a preciosidade dos estudos steinianos que são objetos dessa pesquisa: entender o ser do homem numa unidade temporal como possuidor de uma essência e uma existência dadas pelo próprio Ser, que é eterno e “dono do tempo”.

1. OS PRESSUPOSTOS DE EDITH STEIN: A FILOSOFIA CRISTÃ

Tanto o pensamento filosófico medieval, sobretudo com Santo Tomás de Aquino, quanto a reflexão da escola fenomenológica de Husserl – tomados aqui como principais influenciadores para as teses steinianas – nos podem oferecer aquilo que Stein também recebeu. O ponto de partida é o questionamento que a própria autora faz sobre a posição do filósofo diante da fé, distinguindo a razão natural da sobrenatural. Assim, a pergunta pela posição do filósofo diante da fé ganha uma nova e especial resposta: a fé adquire um duplo significado para a filosofia e esta, por sua vez, possui uma dependência material e formal em relação à fé:

A filosofia quer alcançar a verdade da forma mais ampla possível e com a maior certeza possível. Se a fé desvela verdades que não podem ser alcançadas por outros caminhos, então

a filosofia não pode renunciar às verdades da fé sem sacrificar sua pretensão universal à verdade [...]. *Daí segue uma dependência material da filosofia em relação à fé.* Além disso, se à fé pertence a mais elevada certeza acessível ao espírito humano, e se a filosofia exige propiciar a mais elevada certeza possível, então ela deve fazer sua a certeza da fé. Isso acontece, por um lado, quando ela acolhe em si mesma as verdades da fé, e, por outro, quando mede todas as demais verdades com base nas verdades da fé, tomando-as como um critério último. *Daí resulta também uma dependência formal da filosofia com relação à fé.*

A razão sobrenatural é chave para entendermos esse processo, uma vez que há um conjunto de verdades que não podem ser alcançadas unicamente pela razão natural, que é completada pela primeira. É por isso que toda a verdade que podemos alcançar procede de Deus. É tarefa do filósofo, para Stein, ter Deus por objeto. Assim, há uma crítica implícita por parte de Stein a todo pensamento moderno que desconsidera o dado da fé e sua importância tanto para a filosofia quanto para o homem, que é tido numa condição de caminho ou peregrinação terrestre rumo a Deus. Apresentando um pouco do que é a fenomenologia e seus desdobramentos para Stein, notamos que o homem é capaz de chegar ao conhecimento, à verdade e ao ser eterno, pois esses são, na ótica steiniana, o próprio Deus.

2. O SER NO PENSAMENTO STEINIANO

Em *Ser finito e ser eterno*, a filósofa alemã parte da doutrina sobre ato e potência em Santo Tomás de Aquino e elabora sua própria filosofia, considerando os graus e modos de ser, bem como a questão do ser e do *dever* como unidades de vivências. Em seguida, a questão da temporalidade é vista de forma ímpar pela filósofa, uma vez que, dessa maneira, pode-se chegar definitivamente aos conceitos de *finitude* e *infinidade* e considerar o homem de acordo com seu modo de ser.

O desenvolvimento da resposta para o questionamento se Deus possui potência é o que vai abrir os precedentes para a análise da relação do criador e com sua criatura e, após a constatação de um “movimento descendente”, isto é, partindo da Trindade para explicar o homem, Stein pode definir seu conceito de pessoa e atribuí-lo tanto ao ser finito – sobretudo analisando-o mais adequadamente à luz do método fenomenológico – quando ao ser eterno.

A partir de sua própria *analogia entis*, Stein concluirá que os diferentes graus e modos de ser acompanham o que é potencial e atual na temporalidade. Se o homem, enquanto ser atual e potencial, tem a necessidade do tempo para passar de um modo a outro, este pode ser considerado um ente temporal e, conseqüentemente, por não possuir seu próprio ser, mas por este lhe ser dado, é um ser finito; Deus, por sua vez, é infinito, ou seja, o que não pode acabar e que não tem necessidade do tempo pois está em posse de seu ser, é dono do ser e, em verdade, é o próprio ser.

O homem, enquanto ser finito é, portanto, colocado na existência ao receber o ser de Deus e, ao passo que se encontra em seu ser e encontra com outro que não é seu ser, é capaz de chegar ao conhecimento de Deus, tanto unicamente pela via da fé, ou pela via do conhecimento filosófico.

3. AS RELAÇÕES ENTRE O SER FINITO E O SER ETERNO

Baseando-se em Santo Agostinho, a partir da via da interioridade, Stein definirá um meio pelo qual o homem poderá relacionar-se com Deus. Parte-se da visão tripartite do ser humano, isto é, da consideração de que ele é ser corporal-anímico-espiritual e também *pessoa*, em comparação com as três pessoas da Trindade. Assim, na analogia entre Criador e criatura, mesmo com a distância infinita entre o homem e Deus, não só é possível falar de ser para ambos os casos, como, a partir do nome que o próprio Deus se dá através da Escritura, é possível que haja uma relação entre o homem e o “Eu sou” que é consciente de seu próprio ser, que abraça e domina toda a plenitude em suas Três pessoas divinas e que é arquétipo para o ser pessoa finito.

Dessa forma, como a relação das pessoas na Trindade se dá pelo amor elevado à suprema perfeição, que se traduz na livre entrega de vida, o homem é imagem do Deus Trino à medida que vive o amor, entregando-se livremente à vontade de Deus. Essa vivência do amor e sua relação com Deus se dá através de sua vida espiritual, que é face da vida interior, comparada por Edith Stein à imagem que Santa Teresa D’Ávila traz em seus escritos da alma humana como um castelo interior, em cuja morada mais profunda e íntima habita o próprio Deus.

Deus habita na alma do homem pela graça e esse homem só é capaz de acessá-lo graças à força que o próprio Deus lhe dá. É pela via do amor ao próximo, da união e da entrega

do ser ao amado que o homem, enquanto amante, pode cumprir a vontade de Deus e participar da vida divina em sua alma. A vida espiritual torna-se, portanto, vida trinitária.

A participação no ser divino é o que garante ao homem a união de sua alma com Deus e essa união ocorre graças a mediação daquele que, mesmo sendo Deus, se esvaziou por amor e experimentou da finitude humana. É justamente pela ação redentora do Cristo que os homens, configurando-se livremente a Ele, podem cumprir seu chamado mais íntimo: a união de sua alma com o Criador, fazendo parte do Corpo Místico de Cristo.

CONCLUSÃO

Percorrendo o mesmo caminho de Edith Stein, compreendendo o ser humano como uma unidade de essência e existência, constituído numa temporalidade que expressa tanto potencialidade como atualidade, podemos entender como a filósofa pode afirmar que o próprio Deus é fundamento do ser do homem. Diferentemente do talvez “pessimismo” heideggeriano, Stein propõe um caminho diferente, uma filosofia que prepara o caminho da fé e que enxerga no ser eterno o sentido da vida humana.

Enquanto os gregos, como no caso de Aristóteles, tentaram responder à busca pelo primeiro ser e pelo ser verdadeiro a partir dos dados naturais do mundo, os pensadores da era cristã, como Santo Tomás, ampliaram a reflexão mediante o mundo sobrenatural dos fatos revelados. Por esse motivo, Edith Stein busca continuar a construção do entendimento do ser abrindo-o agora à aceitação das verdades de fé que, através da graça, culmina justamente numa participação na vida divina.

A mártir alemã, como fenomenóloga, entendeu o transcendente metafísico compreendendo toda a realidade, inclusive a verdade revelada. É por essa razão que o pensamento filosófico deve caminhar sempre junto à reflexão teológica e se pode falar de uma filosofia cristã. Stein, propondo um caminho quiçá diferente de tudo que já se tinha visto, apresenta uma filosofia que prepara o caminho da fé e que enxerga no Ser Eterno o sentido da vida do ser finito. O homem, portanto, só será plenamente realizado contemplando e participando da vida de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFIERI, Francesco. **Pessoa humana e singularidade em Edith Stein**: uma nova fundação da antropologia filosófica. Trad. Clío Francesca Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2019.

STEIN, Edith. **Ser finito e ser eterno**. Trad. Zaíra Célia Crepaldi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

_____. **Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino**. Trad. Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2019.